

PÁGINA DE ABERTURA

FUTURO DO PRESENTE

Popularização da inteligência artificial desafia universidades, docentes e estudantes catarinenses a repensar o ensino e a formação em Jornalismo

Reportagem por Pietra Simioni Matos

Danielly Alves estava no último semestre do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) quando abriu o e-mail com o teste prático da Dialetto. O processo seletivo para uma vaga na agência, especializada em empresas de tecnologia e inovação, teve início no final de 2025. O desafio não era simples.

O material trazia um briefing fictício sobre uma organização que estaria expandindo seus negócios para o Uruguai e captando recursos. Ela precisava entregar de tudo um pouco: press release, pautas para podcast, plano para o LinkedIn do executivo e uma estratégia para convencer o cliente a conceder uma entrevista.

Só que havia um detalhe importante nas instruções. A agência permitia, com todas as letras, o uso de Inteligência Artificial (IA). Mas os candidatos precisavam detalhar o processo, indicando quais plataformas utilizaram, quais prompts - comandos ou instruções fornecidos à IA - empregaram e em quais atividades recorreram à tecnologia.

Como já estava habituada a usar IA na rotina pessoal e profissional, Alves percebeu que o diferencial não era usar ou deixar de usar estes sistemas, mas combinar a agilidade que eles oferecem com suas habilidades de jornalista. A questão era saber utilizar da forma adequada e ser transparente sobre esse processo. Na hora de responder ao teste, ela descreveu em quais tarefas havia usado o ChatGPT e como tinha feito essa aplicação.

O desafio levou cerca de quatro horas para ser concluído. No feedback da empresa, uma observação chamou sua atenção: "Muito importante ver a tua linha de raciocínio. Foi um diferencial no seu teste". Pouco tempo depois, ela foi contratada.

A recém-formada não aprendeu a usar inteligência artificial de forma guiada na faculdade. Ela acabou descobrindo esses sistemas por conta própria, testando no dia a dia por curiosidade e necessidade, trocando experiências com colegas e utilizando os recursos nos estágios pelos quais passou.

Mesmo sem uma disciplina específica sobre IA durante a graduação, esse conhecimento ajudou a agilizar seu trabalho na hora do teste. Com a máquina dando suporte às tarefas mais repetitivas, sobrou mais tempo para ela se dedicar à parte estratégica da atividade.

Essa história não é um caso isolado. Sistemas de inteligência artificial já fazem parte da rotina de muitos profissionais da comunicação que atuam tanto em empresas de assessoria quanto em redações. Mas, como os cursos de Jornalismo de Santa Catarina estão discutindo o uso dessas tecnologias? E de que forma as faculdades estão preparando os estudantes para uma profissão que muda cada vez mais rápido?

Essas são algumas das questões que guiam esta reportagem. Afinal, se o futuro já está dentro dos veículos de comunicação e das salas de aula, talvez seja hora de entender como estamos lidando com ele no presente.

PARTE 1

Desencontro de dois mundos

Mercado e universidade vivem tempos diferentes diante da inteligência artificial generativa

A máquina de escrever, guardada no quarto na casa de Alexandre Gonçalves, está silenciosa. Como uma viajante de outro tempo, foi nela que o então estudante de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), formado em 1994, escreveu algumas das primeiras reportagens da vida. Trinta anos depois, já não se ouve o “tec tec” metálico. Imóvel, ela assiste o jornalismo se reinventar com as novas tecnologias. No lugar das laudas, telas dos computadores e comandos são usados para conversar com a inteligência artificial (IA) e pedir que escreva uma notícia.

A máquina ficou parada, mas Gonçalves, não. Acompanhar essa evolução é o que ele vem fazendo desde que começou sua carreira no jornalismo. Como todos de sua geração, ele viu o fim do papel carbono, a chegada da internet e a adaptação do impresso para o virtual. Depois de se formar, trabalhou por quinze anos no mercado de revistas até migrar para o jornalismo digital, há duas décadas.

Em março de 2023, Gonçalves decidiu explorar o universo da inteligência artificial. Criou a newsletter AgenteGPT como uma forma de se obrigar a estudar o tema e acompanhar os movimentos de empresas como Google e OpenAI. Após três anos e mais de mil assinantes, o jornalista deu uma pausa na newsletter para focar em palestras e oficinas orientando profissionais sobre o uso de IA no jornalismo.

O compartilhamento desse aprendizado, porém, já fazia parte da rotina do jornalista. Em agosto de 2024, o Departamento de Jornalismo da UFSC promoveu uma palestra pública e gratuita com Gonçalves sobre o uso geral do ChatGPT e suas aplicações no jornalismo. O encontro foi realizado no Centro de Comunicação e Expressão (CCE).

Dentro das salas de treinamento, Gonçalves tem um mantra que batiza uma de suas palestras: “Não peça, interaja”. A lógica é que a máquina não deve trabalhar no lugar do profissional, mas junto com ele. “Todo mundo é editor quando usa inteligência artificial”, afirma. Para Gonçalves, o jornalista deve ter um olhar treinado para avaliar, ajustar e validar o que a máquina produz.

Essa aproximação entre o jornalismo e a inteligência artificial começou, inclusive, a se institucionalizar dentro das empresas. Em 2024, Gonçalves foi convidado para ministrar, na

Primeira Via Comunicação Integrada, o primeiro workshop da agência sobre uso de IA. O movimento se repetiu no ano seguinte, em uma tentativa de manter a equipe atualizada diante das rápidas transformações tecnológicas.

A proposta era transformar o uso desses sistemas em uma prática mais estratégica e segura. “A IA não é o futuro, é o presente. Ela vai substituir quem não sabe usá-la”, corrige Mariana Baima, diretora da Primeira Via, quando, durante entrevista, arrisco dizer que a tecnologia é o amanhã.

Esse presente já faz parte da rotina de oito em cada dez jornalistas que utilizam IA no dia a dia, segundo levantamento da Fundação Thomson Reuters Foundation, publicado em janeiro de 2025. A pesquisa, realizada com 221 profissionais de mais de 70 países de economias emergentes, aponta que o uso se concentra principalmente em tarefas como edição de texto, pesquisa, transcrição, tradução, checagem de fatos e geração de pautas.

Enquanto isso, em Santa Catarina, no NSC Total, por exemplo, os jornalistas usavam a inteligência artificial de forma independente e experimental até o começo de 2026. Alguns a utilizavam para revisar textos mais rapidamente, outros testavam sugestões de títulos ou organizavam ideias para reportagens. Essa aplicação era dispersa e informal. A IA começou a fazer parte da rotina de produção em março deste ano, com a chegada de Abinoan Santiago à editoria-chefe da redação digital.

Santiago programou dois agentes customizados pensando na estratégia de audiência. Um deles trabalha na elaboração de títulos, analisando o histórico de desempenho do portal para identificar padrões de engajamento e sugerir opções que tenham uma performance melhor. O outro atua no desdobramento das pautas, as chamadas “suítes”. O sistema ajuda a localizar perguntas, recortes e possibilidades que poderiam passar despercebidas na apuração, sugerindo novas pautas.

A ideia do editor-chefe é promover uma cultura de uso da IA dentro da redação. Santiago incentiva editores e estagiários, defendendo a tecnologia como uma aliada da produtividade. “A gente tem que usar porque vai otimizar o trabalho. E quem souber usar, vai sair na frente”, afirma, reforçando a convicção de que o futuro do mercado pertence aos profissionais que dominam estes sistemas.

O tempo do mercado e o tempo da universidade

Essa pressa em absorver a tecnologia chega em quem está em processo de aprendizado. Matheus Bastos, estudante da sétima fase de Jornalismo da UFSC, vive isso. Ele divide sua rotina entre as salas de aula do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) e a redação do ND Mais, um dos principais portais de notícias de Santa Catarina, onde faz estágio. O estudante afirma que, embora o tema já tenha aparecido em debates e discussões durante a graduação, ele aprendeu a usar essa tecnologia principalmente em seu trabalho, que incentiva e promove treinamentos voltados ao uso de inteligência artificial.

“Se o primeiro passo tivesse sido na universidade, o caminho seria bem diferente do que eu faço hoje”, reflete. Bastos diz isso após afirmar que ainda sente falta de ter um conhecimento mais crítico sobre os limites da IA. Na percepção do estudante, aprender dentro das empresas acaba moldando o olhar dos profissionais para produtividade, velocidade e desempenho. “Hoje faço o uso pensando no lucro de alguém”, conclui.

Esse descompasso apontado por Bastos é apenas um exemplo de como o tempo do mercado de trabalho e o da academia são diferentes. Esta, aliás, é uma das preocupações da professora e pesquisadora Alessandra de Falco, da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Enquanto as empresas buscam profissionais capazes de dominar rapidamente as tecnologias, ela defende que a universidade não pode assumir apenas o papel de treinamento técnico.

“O tempo da universidade não precisa ser o tempo do mercado e não é para ser”, defende. Para a pesquisadora, a graduação tem que oferecer espaço para reflexão, discussão e compreensão dos impactos dessas tecnologias sobre o próprio fazer jornalístico. “Não é porque lançaram uma ferramenta que a gente vai incorporá-la e pronto. Tem que questionar, e é aí que está o papel do professor.”

Foi a partir da necessidade de discutir o tema que ela escreveu o livro “Ensino de inteligência artificial para estudantes de jornalismo”, em coautoria com o professor Orlando Berti, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Lançado no Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo (Enejor), em abril deste ano, a obra é resultado de sua pesquisa de pós-doutorado. Nos primeiros dias após o lançamento, o site para download gratuito da publicação teve mais de 400 acessos.

O livro reúne pesquisas e experiências de diferentes países para diagnosticar como o ensino de Jornalismo vem reagindo ao avanço da inteligência artificial, especialmente a generativa. A proposta é defender uma reforma estrutural na formação acadêmica para

superar o ritmo desigual entre a inovação tecnológica e a adaptação dos currículos. "Acima de tudo, os alunos precisam saber criticar o uso da tecnologia", acredita a pesquisadora.

Porém, levar essa prática para as salas de aula ainda é um desafio para muitos cursos de jornalismo. Enquanto estudantes como Bastos aprendem a utilizar inteligência artificial já dentro do mercado, professores tentam entender como incorporar e, ao mesmo tempo, limitar o uso desses sistemas nas salas de aula.

Agora a gente precisa falar

Para compreender o desafio das universidades, é preciso voltar três anos. O quebra-cabeça começou a ganhar peças bem mais complicadas a partir do final de novembro de 2022, com o lançamento do ChatGPT. No ano seguinte, professores do curso de Jornalismo da UFSC temiam que estudantes estivessem utilizando inteligência artificial para burlar avaliações. A principal preocupação era que os alunos deixassem de ler, de exercitar a escrita e de desenvolver a própria construção textual, transferindo parte desse processo para as máquinas.

Três anos e muitos novos sistemas de IA depois, a preocupação continua a rondar os professores da universidade. Flávia Guidotti, coordenadora do curso de Jornalismo da UFSC, lembra de um episódio do primeiro semestre deste ano, quando uma professora bateu à sua porta com a suspeita de que dez dos quatorze alunos de uma turma teriam usado inteligência artificial em uma prova.

Na coordenação, a docente desabafou:

- Para mim era tão óbvio que não era para fazer com IA que eu nem falei que não podia.

Guidotti olhou para a colega e ponderou:

- Talvez agora a gente precise falar.

Em cursos presenciais de Jornalismo em Santa Catarina, alguns docentes vêm reformulando metodologias, avaliações e dinâmicas em sala de aula na tentativa de acompanhar as transformações. A reportagem entrevistou professores de seis cursos de Jornalismo do estado e nenhum deles oferece em sua grade, atualmente, uma disciplina específica sobre inteligência artificial.

Mas, afinal, seria necessário que os cursos de Jornalismo tivessem uma disciplina específica sobre inteligência artificial?

Para a professora Falco, a resposta é sim. Ela explica que, como a IA é uma ferramenta de apoio, qualquer professor pode usar a tecnologia nas aulas, desde que faça sentido para a disciplina. “Mas, se o estudante precisa criticar, ele precisa saber sobre a história, sobre os impactos e, para isso, há necessidade, sim, de uma disciplina específica”, argumenta.

Porém, esse processo leva tempo. É uma questão estrutural na educação, que Falco compara à demora para o webjornalismo entrar de verdade nas grades dos cursos de Jornalismo. Os currículos, por uma série de fatores tanto de ordem pedagógica quanto burocrática, não mudam na mesma velocidade alcançada pelos avanços da tecnologia.

Mesmo assim, Falco defende que levar a inteligência artificial para o ensino de jornalismo é um caminho necessário. A ideia não é obrigar todo mundo a usar ou dizer que os docentes que não querem adotar o debate e o uso estão errados. Mas, sim, dar espaço e orientar quem se sente à vontade e entender como discutir o assunto de forma crítica.

No curso de Jornalismo da UFSC, a professora Guidotti explica que mudar o currículo é um processo demorado e bem difícil. Para se ter uma ideia, os 23 professores do departamento já estão há dois anos discutindo uma nova proposta e a estimativa é que leve pelo menos mais um para tudo ser aprovado nas instâncias institucionais.

Ou seja, não dá para fazer uma mudança dessas do dia para a noite. Além de seguir as regras do Ministério da Educação (MEC), ainda há o desafio de fazer a transição. Quando um currículo novo é aprovado, a faculdade precisa gerenciar duas grades ao mesmo tempo: os alunos veteranos seguem a antiga e os calouros começam a nova.

Segundo a coordenadora do curso, as discussões em andamento no Núcleo Docente Estruturante (NDE), responsável pela atualização do currículo, apontam para uma abordagem transversal da inteligência artificial. A proposta em debate é que o tema seja inserido às disciplinas já existentes, em vez da criação de uma matéria específica, por entender que a tecnologia impacta todas as áreas do jornalismo.

Produzir, não apenas consumir

Pesquisador do jornalismo no ciberespaço há mais de 30 anos, o professor Elias Machado concorda com a proposta de tratar o tema de forma transversal nas disciplinas do curso de Jornalismo da UFSC e reconhece que o processo de adaptação leva tempo. Para ele, estamos vivendo uma mudança paradigmática, operada a partir da inteligência artificial.

Mais do que uma inovação tecnológica, a IA deve ser entendida como uma linguagem capaz de influenciar todas as práticas humanas e, portanto, também o jornalismo.

"Não tem como fazer jornalismo sem usar inteligência artificial", afirma. Para o professor, todo jornalismo hoje acontece no ciberespaço e depende de bases de dados e sistemas computacionais. Ou seja, de uma forma ou de outra, a prática jornalística já passa pela IA. Por isso, ele acredita que a discussão sobre essa linguagem deve acontecer durante toda a graduação, articulando teoria e prática para que os estudantes compreendam quais são seus benefícios, impactos e limitações.

Machado defende que as pessoas precisam ser alfabetizadas nela. Na sua avaliação, não basta dominar apenas a língua portuguesa. O letramento em inteligência artificial tende a se tornar uma necessidade cada vez mais básica. Por isso, considera que resistir ao estudo desses sistemas é tão equivocado quanto negar a importância da alfabetização em qualquer outra linguagem.

É, inclusive, o que o professor tenta fazer em suas aulas no curso, ao incluir a discussão sobre IA nas disciplinas que ministra. Porém, os estudos permanecem concentrados no campo teórico. O departamento não dispõe de infraestrutura de computadores e laboratórios que permitam aos alunos experimentar, estudar ou desenvolver sistemas de inteligência artificial.

A realidade do curso contrasta com a da própria universidade. Em 2025, a UFSC inaugurou o Laboratório Virtual de Ensino, Extensão e Pesquisa (VLAB), estruturado a partir de um supercomputador NVIDIA DGX H100, um dos equipamentos mais modernos do mundo para pesquisas e aplicações em IA. O espaço foi pensado para oferecer uma alternativa gratuita, segura e de alta performance para toda a comunidade acadêmica.

O departamento de Jornalismo, porém, passa longe dessa realidade. Nos registros de projetos, disciplinas e atividades de extensão vinculadas ao laboratório, não há menção ao curso. Sem pesquisa própria na área, argumenta Machado, os jornalistas acabam utilizando plataformas genéricas de forma alienada, reproduzindo interesses econômicos de empresas que controlam essa tecnologia.

Na visão do docente, as escolas de jornalismo devem deixar de apenas reproduzir as práticas do mercado para se tornarem produtoras de tecnologia e inovação científica. "O objetivo da ciência não é só reproduzir o mercado. A ciência tem que mudar o mercado."

No modelo idealizado pelo docente, a pós-graduação produziria sistemas de inteligência artificial para serem testados na graduação, permitindo que os estudantes chegassem ao mercado com um conhecimento superior ao das empresas.

A universidade pode fazer a diferença se deixar de reproduzir os padrões atuais e passar a contribuir para o avanço do mercado, defende Machado. O desafio é descobrir como fazer isso. “A gente que estuda é privilegiado. A grande maioria da sociedade depende de nós. Temos que entregar resultados. Se nós não entregarmos as soluções, quem vai entregar?”, questiona.

Os jornalistas do futuro já estão na faculdade

Por muito tempo, Gabrielle Barros manteve distância da inteligência artificial. Estudante de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas, em São Paulo, ela associava a tecnologia a problemas como a disseminação de desinformação, ao uso por grupos extremistas, à violência cibernética, ao plágio de artistas e aos impactos culturais provocados pelos sistemas generativos. Para ela, a IA era vista como algo totalmente negativo.

Mas essa percepção começou a mudar no primeiro semestre de 2026, quando ingressou na disciplina Comunicação e Inteligência Artificial. As primeiras semanas de aula, conduzidas pelo professor André Vasconcelos, são dedicadas à leitura de artigos, livros e à análise de documentários que discutem os impactos sociais da tecnologia. Entre eles, está o documentário Coded Bias (2020), que aborda os preconceitos reproduzidos por algoritmos e sistemas automatizados.

Um dos aspectos mais explorados por Vasconcelos em suas aulas é a reprodução de estereótipos. “Quando a gente pede para fazer um brasileiro pobre, vem um negro. Quando se pede uma cantora de sucesso, geralmente aparece uma mulher branca e sensualizada”, relata o professor.

O exercício serve para mostrar que os sistemas reproduzem padrões presentes nos dados com que foram treinados e que, por isso, é preciso desenvolver senso crítico ao utilizá-los.

Desde 2024, a disciplina integra o eixo comum de cursos de Comunicação da universidade e reúne estudantes de Jornalismo, Relações Públicas, Letras, Cinema, Mídias Digitais e Publicidade e Propaganda. A proposta é apresentar a inteligência artificial no primeiro semestre da graduação e oferecer uma base crítica antes da experimentação prática.

Só depois dessa etapa teórica os estudantes começam a experimentar os sistemas. Em sala de aula, são comparadas plataformas como ChatGPT, Gemini, Claude e DeepSeek. A intenção é fazer com que os alunos entendam que cada uma delas possui limitações, vieses e formas distintas de responder aos comandos. Além disso, o professor mostra como a formulação de um prompt influencia o resultado gerado e como o volume de dados utilizado no treinamento dos modelos interfere na qualidade das respostas.

A disciplina foi acompanhada por um movimento institucional anterior. A própria universidade criou uma pós-graduação voltada à educação e inteligência artificial para capacitar os docentes diante das transformações provocadas pelas tecnologias generativas. O professor Vasconcelos foi um dos convidados para participar. O objetivo era fazer com que os docentes conseguissem estudar sobre essa tecnologia para entender e trabalhar novas possibilidades com os alunos.

Barros, que ainda está cursando a disciplina, reconhece que passou a enxergar a inteligência artificial de forma menos radical. Ela começou a vê-la como um recurso que pode auxiliar o trabalho humano sem substituir a criatividade e o pensamento crítico. A discente também afirma se sentir mais preparada para estágios e para o mercado de trabalho, sabendo que já é um diferencial ter esse conhecimento.

Na avaliação da estudante, ignorar a existência desses sistemas não impede que eles sejam utilizados pelos alunos. "É muito melhor que a faculdade consiga conduzir pedagogicamente os alunos a como usar de maneira responsável, do que só ignorar e deixar com que os alunos façam o que bem entender", conclui.

"A resistência vai só machucar mais, porque é um caminho que não tem volta." É o que acredita Marco Túlio Pires sobre a IA no jornalismo. Gerente de programas do Google Labs, laboratório de projetos experimentais e de inteligência artificial da empresa, o jornalista concorda com a estudante - não dá para simplesmente ignorar a tecnologia. O momento atual, segundo ele, exige menos ansiedade com os novos sistemas e muito mais coragem para repensar a profissão dentro dessa nova realidade.

Hoje, qualquer pessoa consegue gerar um texto com poucos comandos. Por isso, Pires defende que os princípios do bom jornalismo, como a apuração, a checagem, a transparência e a busca por fontes, continuam exatamente os mesmos. Para ele, a diferença está em quem vai saber combinar essas tecnologias com a prática jornalística de forma ética e responsável.

Diante desse novo cenário, em vez de apenas aceitar formatos prontos, o desafio de quem está começando é encarar a profissão com a provocação feita pelo jornalista: “Se a gente estivesse pousando neste planeta hoje e tivesse inventando o jornalismo, como é que seria esse jornalismo?”

Essa necessidade de adaptação diante do novo não é inédita. Há trinta anos, Alexandre Gonçalves era um estudante de Jornalismo na UFSC aprendendo uma profissão que ainda dependia de equipamentos que hoje parecem peças de museu. Assim como no passado, o jornalismo atual precisa acompanhar a tecnologia, produzindo para o presente sem se prender a métodos que já não fazem sentido.

Essa mudança estrutural está nas mãos de quem hoje ocupa as salas de aula. “São os estudantes que, daqui a vinte anos, estarão nas posições de tomada de decisão”, aponta Pires. Diante disso, cabe a pesquisadores, professores e alunos refletirem, desde já, sobre quais jornalistas querem formar.

PARTE 2

Sem manual de instruções

Professores buscam saídas para manter o aprendizado vivo e evitar que alunos terceirizem o pensamento para a IA

Antes mesmo da entrevista começar, Ana Luiza Wagner ajeita o cabelo diante da câmera e ri da própria rotina. Entre as aulas de Jornalismo na Universidade Regional de Blumenau (FURB), a presidência do Centro Acadêmico de Jornalismo (Cajor), projetos culturais ligados ao hip-hop, trabalhos de assessoria e uma agenda que parece nunca terminar, ela tenta organizar os dias da melhor maneira possível.

Como muitos outros estudantes, a aluna do quinto semestre usa a inteligência artificial (IA) na função de assistente para lidar com a quantidade de tarefas que acumula dentro e fora da universidade. Ela define a tecnologia sob o termo de “companheira de cérebro”. Ao longo da conversa, ela repete mais de uma vez que a IA precisa ser conduzida por quem a utiliza. Por isso, alimenta o sistema com anotações das aulas, cronogramas e informações de suas pautas, mas revisa tudo o que recebe de volta para evitar erros e alucinações da máquina.

A presença da IA, contudo, vai além da rotina individual da estudante. Na graduação, a ausência de uma disciplina dedicada à inteligência artificial não significa que o tema esteja fora da sala de aula. Pelo contrário. Wagner conta que as discussões aparecem em disciplinas e conversas entre colegas e professores. Por isso, o Cajor nunca organizou um debate específico sobre o assunto.

Essa adaptação não acontece apenas entre os alunos. Diante da popularização da IA, professores também passaram a rever atividades, formas de avaliação e estratégias de ensino. As resenhas de livros foram uma das atividades abandonadas por Sandro Galarça, professor do curso de Jornalismo da FURB. Como basta jogar o nome da obra em um sistema de IA para receber um texto pronto em poucos segundos, ele mudou a metodologia de avaliação. No lugar, seminários, debates presenciais e clubes do livro. A ideia é criar espaços onde os alunos realmente precisem estudar, ler, conversar, interpretar e argumentar. Coisas que não podem ser terceirizadas para uma máquina.

Galarça também tenta levar a IA para a sala de aula de forma mediada. Algumas plataformas mais simples, como o ChatGPT gratuito, ele prefere evitar. Outras já passaram a ser incorporadas nas atividades, mas sempre acompanhadas de orientação. Na disciplina

de Laboratório de Entrevista, prevista para o quinto semestre, os alunos usam IA para complementar roteiros, com auxílio do professor.

Essa foi uma das disciplinas em que Ana Luiza Wagner usou a tecnologia de forma mediada na graduação. Com as anotações das aulas abertas em uma aba e o Gemini, assistente de IA do Google, em outra, alimentava o sistema com os conceitos discutidos em sala e pedia auxílio para estruturar os roteiros. A IA sugeria questões para seu roteiro de perguntas e organizava os temas por blocos. A revisão final, porém, era da estudante, que eliminava excessos e adaptava o material ao contexto da pauta e ao perfil do entrevistado.

“Você não proíbe a criança de andar de bicicleta. Você orienta. Diz para tomar cuidado ao atravessar a rua, explica onde ela pode andar, mostra os riscos”. Para Galarça, a lógica de como os estudantes devem lidar com a inteligência artificial deveria ser igual. Em vez de simplesmente proibir, o papel do professor é ensinar em quais contextos elas podem ser utilizadas, quais são os limites éticos e por que as informações geradas pelas máquinas precisam ser verificadas pelos estudantes.

Mas, na visão do professor, o ideal mesmo seria que essa orientação começasse muito antes de os alunos ingressarem na faculdade. Ele acredita que a universidade já chega atrasada nessa discussão, porque já tem conteúdos demais para dar conta em pouco tempo. Para ele, o debate sobre tecnologia e inteligência artificial deveria começar na escola, ainda na educação básica.

Coordenador do grupo de pesquisa Edumídia - Comunicação e Educação Midiática, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da FURB, o professor argumenta que a mídia e a internet são formas que as pessoas usam para ler e entender o mundo. Por isso, ele defende que a educação midiática precisa ser pautada desde o ensino básico, discutindo as tecnologias digitais, as inovações tecnológicas e o impacto da mídia.

O Primeiro das Américas

Enquanto universidades, como a FURB, tentam adaptar as disciplinas existentes, alguns sistemas educacionais conseguiram antecipar esse debate. No Nordeste do país, a Secretaria de Educação do Piauí (Seduc) adotou uma estratégia na linha do que o professor Galarça defende. Em vez de proibir, o estado criou uma disciplina obrigatória focada na discussão e no uso consciente da inteligência artificial. Desde 2024, alunos do 9º ano e das três séries do ensino médio da rede pública têm aulas voltadas para debater e compreender essa tecnologia.

O programa “Piauí Inteligência Artificial” foi desenvolvido em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e o Instituto Federal Farroupilha (IF Farroupilha). Foi a primeira iniciativa do gênero implementada nas Américas, fato reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Nas aulas, são abordados temas como curadoria de dados, aprendizagem de máquina e processamento de linguagem natural.

O ensino de IA no estado também aparece na formação acadêmica. No curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), do Campus Poeta Torquato Neto, em Teresina, o professor Orlando Berti coordena o Laboratório de Inteligência Artificial e Jornalismo (LIAJ) da UESPI. Criado em 2023, o primeiro laboratório de IA aplicada ao Jornalismo no estado busca respostas e cria produtos sobre inteligência artificial e mediações informacionais, oferecendo os equipamentos e a estrutura para os alunos experimentarem na prática e desenvolverem pesquisas.

Além disso, Berti leciona a disciplina "Tópicos Especiais em Jornalismo", ofertada para os estudantes do sétimo semestre. O diferencial da matéria é a sua flexibilidade. Berti explica que a comunicação não muda de um ano para o outro, mas, sim, de um dia para o outro. Por isso, a ementa é ampla, permitindo que o docente leve para a sala de aula tudo o que há de mais recente no campo jornalístico. Um exemplo disso foi o segundo semestre de 2025, quando o professor abordou na disciplina para a disciplina temas que foram desde o jornalismo de dados até a internet das coisas e a inteligência artificial.

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI CAMPUS POETA TORQUATO NETO COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO	
PLANO DE CURSO	
1. IDENTIFICAÇÃO:	
CURSO: BACHARELADO EM JORNALISMO	TURNOS: TARDE
DISCIPLINA: TÓPICOS ESPECIAIS EM JORNALISMO	CARGA HORÁRIA: 60h
CODIGO: 7347	PERÍODO LETIVO: 2025.2
PROFESSOR: ORLANDO MAURÍCIO DE CARVALHO BERTI – Jornalista, Mestre em Comunicação Social, Doutor em Comunicação Social, Pós-Doutor em Comunicação, Região e Cidadania (E-mail: berti@uespi.br)	
2. EMENTA:	
O JORNALISMO NA CONTEMPORANEIDADE E SUAS INTERFACES COM AS REDES SOCIOTÉCNICAS. REFLEXÕES SOBRE A TECNOLOGIA E O JORNALISMO ATUAL. INTERNET, PÓS-INTERNET, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DESAFIOS PARA AS MANEIRAS TRADICIONAIS DE EXPRESSÕES DE SOCIALIZAÇÃO DA NOTÍCIA. JORNALISMO-CIDADÃO.	
3. OBJETIVOS:	
➤ Refletir sobre o Jornalismo na contemporaneidade e suas interfaces com as redes sociotécnicas e novas modalidades de mediações informacionais; ➤ Refletir sobre as tecnologias (em vídeos e múltiplos pontos) e o Jornalismo contemporâneo enquanto mediação de ideias e de informações; ➤ Destacar pontos e contrapontos sobre Internet, avanços dessa rede e inteligência artificial, notadamente no campo jornalístico e nas interfaces de inteligência artificial generativa e suas interfaces atuais; ➤ Compreender faces e interfaces sobre Jornalismo Cidadão e suas lições para as mediações informacionais contemporâneas.	
4. METODOLOGIA	
AULAS EXPOSITIVAS VIVENCIADAS COM DEBATES E DISCUSSÕES DE CADA UMA DAS UNIDADES DE ESTUDO. É PRELENTE USO DE EXEMPLOS PRÁTICOS DO DIA A DIA DAS QUESTÕES JORNALÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS, ENVOLVENDO AS MICRO-REALIDADES, A LOCALIDADE, A REGIONALIDADE, O PAÍS E A GLOBALIZAÇÃO. RECURSOS DO DIA A DIA DA SALA DE AULA, NOTADAMENTE ENVOLVENDO AULAS EXPOSITIVAS.	

Imagem: Plano de curso da disciplina "Tópicos Especiais em Jornalismo" do segundo semestre de 2025

“A inteligência artificial é muito boa, mas a gente sempre tem que ter uma mediação”, defende o professor, explicando que seu papel principal é provocar e levar o debate para os estudantes. Para estimular essa reflexão, ele propõe um exercício prático. O trabalho final é feito em duas etapas. Primeiro, os alunos o produzem à mão, sem recorrer a sistemas de IA. Depois, repetem a atividade com o auxílio da inteligência artificial generativa. O resultado costuma dar um choque nos estudantes. “Eles olham a comparação e dizem: ‘Poxa, professor, como a IA alucina, viu?’”, conta.

O interesse de Berti por inteligência artificial começou pelo gosto por tecnologia, que na verdade veio do próprio jornalismo. Para ele, uma coisa vai puxando a outra. Formado há 25 anos, o professor diz que a profissão é sua paixão. E por ver o jornalismo como um elemento vivo, ele defende que a academia não pode ser apenas uma “dissecadora de cadáveres”.

A expressão, que ele tomou emprestada de seu antigo professor, o jornalista e pesquisador José Marques de Melo, critica a tendência da academia de estudar só o que já passou. Para o professor, o papel da universidade é olhar para o presente e refletir sobre o que está acontecendo agora. É por isso que ele defende que a inteligência artificial precisa ser debatida no Jornalismo. Não para ser exaltada ou rejeitada, mas para que estudantes e pesquisadores entendam um fenômeno que já está na sociedade.

Por trás da inteligência artificial

Se a inteligência artificial erra, mas também pode ser útil, qual deve ser o lugar dessa tecnologia na formação e no trabalho dos jornalistas? Para Raphael Hernandez, jornalista e doutorando em Humanidades Digitais na Universidade de Cambridge, essa discussão costuma oscilar entre uma visão muito otimista sobre o que esses sistemas são capazes de fazer e de uma rejeição quase automática a qualquer inovação tecnológica.

Hernandez defende que o debate não seja reduzido a posições simplistas. “A tecnologia não vai salvar o mundo e também não vai destruí-lo sozinha”, resume. O desafio, segundo ele, está em construir uma relação crítica e transparente, reconhecendo os ganhos, as perdas e os limites envolvidos.

Na avaliação do pesquisador, a falta de discussão sobre o tema favorece um uso automático da inteligência artificial, sem reflexão sobre seus limites éticos ou sobre a forma como essas plataformas operam. Ao se apresentarem como sistemas capazes de

responder a qualquer pergunta, elas criam a impressão de que sabem tudo. Quando falham, a frustração costuma ser proporcional à expectativa criada. Compreender minimamente como funcionam esses modelos ajuda a tornar o uso mais consciente.

Para Hernandez, porém, não basta entender como esses sistemas funcionam. É preciso se perguntar por que eles foram desenvolvidos dessa maneira. A resposta passa pelo modelo de negócios das empresas que controlam essas tecnologias. Por isso, a inteligência artificial não pode ser analisada como um recurso neutro, separado dos interesses econômicos das big techs. “O incentivo desse mercado não é te informar, é fazer com que você fique mais tempo ali, para retroalimentar esse negócio todo”, ressalta.

Mas para entender como essa lógica de mercado se sustenta na prática, é preciso olhar para como esses sistemas são construídos. Eliane Pozzebon, professora do Departamento de Computação da UFSC, esclarece que sistemas generativos são treinados a partir de enormes volumes de dados disponíveis na internet. O funcionamento é semelhante ao processo de aprendizagem humana. “Para você aprender a escrever, você tem que ler vários livros. Quanto mais você lê, mais você tem base e fundamento para conseguir escrever. Na máquina é a mesma coisa”, explica.

Isso significa que a inteligência artificial não cria conhecimento do zero. Pozzebon destaca que o aprendizado de máquina é baseado justamente na identificação de padrões nos dados utilizados para treinamento. Por isso, os sistemas podem reproduzir erros, preconceitos e informações incorretas. Além disso, ela tem a tendência de concordar com quem faz a pergunta. Para a professora, esse é um dos motivos pelos quais nenhuma resposta produzida por IA deve ser aceita sem verificação. “Nunca acredite 100% numa inteligência artificial”, recomenda.

Enquanto pesquisadores discutem os limites dessas tecnologias, redações independentes também buscam entender como utilizá-las sem abrir mão de seus princípios editoriais. É justamente essa lógica de repetição que preocupa a equipe do Portal Catarinas, organização dedicada ao jornalismo e à defesa dos direitos humanos sob uma perspectiva feminista, antirracista e interseccional. Paula Guimarães, cofundadora do veículo, defende que, apesar das críticas aos algoritmos e às redes sociais, o jornalismo independente precisa ocupar esses ambientes para tentar levar mais pluralidade e alcançar o público.

Na redação do Catarinas, assistentes personalizados do ChatGPT são utilizados para apoiar a produção diária, seguindo orientações definidas em uma política editorial própria. Agora, o veículo desenvolve uma nova ferramenta automatizada voltada ao financiamento

coletivo. A ideia é que a IA gere insights e sugestões para redes sociais, principalmente o Instagram, ajudando o portal a compreender melhor o comportamento do público e transformar leitores em apoiadores.

O projeto faz parte de um laboratório de inovação do Google News Initiative (GNI). O Catarinas foi selecionado em 2024 para receber mentorias e consultorias especializadas e, ao final do processo, que ainda não tem um prazo definitivo, espera ter uma solução personalizada para aplicar essa tecnologia na rotina do portal.

Quando a pesquisa chega à graduação

Enquanto cursos de Jornalismo em Santa Catarina ainda não possuem iniciativas formais semelhantes às do Piauí, ações paralelas começam a surgir para aproximar os estudantes da discussão sobre inteligência artificial. Foi o que aconteceu em Florianópolis, na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), onde a pesquisadora Thaís Teixeira, em 2025, fez parte da sua pesquisa de doutorado em um laboratório experimental com alunos da graduação. A iniciativa contou com onze alunos voluntários de diferentes fases.

Orientada pela professora Juliana da Silveira, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Teixeira propôs aos estudantes uma reflexão sobre os limites da inteligência artificial dentro do processo jornalístico. A ideia era entender em quais momentos a tecnologia poderia ajudar no trabalho de campo e em quais ela simplesmente não conseguiria substituir a experiência humana.

O projeto começou com encontros teóricos e leituras sobre inteligência artificial e tecnologias. Durante o processo, os estudantes utilizaram sistemas de IA para organizar pautas, estruturar roteiros de entrevista e tratar os áudios das conversas realizadas na apuração. Depois, foram entrevistar pessoas em territórios de ocupação em Florianópolis, como o Assentamento Comuna Amarildo de Souza e a Ocupação Carlos Marighella.

Uma das estudantes que participou do projeto foi Maria Júlia Marcondes, que está no oitavo semestre de Jornalismo da Unisul. Ela define a experiência como um “privilegio intelectual”. Como a iniciativa foi pontual e o debate sobre IA ainda não faz parte da grade curricular do curso, o projeto acabou sendo a única oportunidade que ela teve na graduação para testar a tecnologia de forma técnica e crítica.

Já no mercado de trabalho, Marcondes usa inteligência artificial para otimizar processos e ganhar tempo. Ela afirma que utiliza a IA com cautela, para não perder sua capacidade

crítica. Para equilibrar o uso da tecnologia, pratica atividades que desenvolvam a criatividade e o pensamento, como escrever diários e fazer colagens.

A proposta liderada por Teixeira uniu ensino, pesquisa e extensão e buscava aproximar a pesquisa acadêmica da graduação. “Sempre que for possível, a gente precisa levar essas discussões para a graduação e construir experiências mais completas para os alunos”, defende a doutoranda.

A dopamina e o cortisol

Mas fazer os estudantes perceberem que a inteligência artificial também erra e precisa ser usada de forma crítica nem sempre é uma tarefa simples na sala de aula. Silveira, professora orientadora da pesquisa, percebe que muitos alunos ainda usam a inteligência artificial de forma superficial. Para ela, que ensina produção de texto no curso de Jornalismo da Unisul, a tecnologia trouxe mais um desafio para a educação, agravado pela falta de senso crítico e pelo imediatismo de estudantes que querem tudo para ontem.

“Agora tem uma máquina fazendo o texto para os alunos”, lamenta. Na avaliação da professora, isso cria uma tensão entre os objetivos pedagógicos e a forma como muitos estudantes encaram as atividades acadêmicas. Enquanto os docentes planejam atividades para desenvolver habilidades de pesquisa, análise e escrita, parte dos alunos enxerga a tarefa apenas como uma entrega a ser concluída, recorrendo à inteligência artificial para chegar mais rapidamente ao resultado final.

Para Giovani Letti, professor do curso de Jornalismo da Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), em Lages, esse comportamento ajuda a explicar o sucesso dessa tecnologia entre os estudantes. “A IA entrega dopamina, enquanto eu sou o cara que traz o cortisol para os alunos”, brinca. A comparação faz referência ao contraste entre a satisfação imediata proporcionada pela tecnologia e o desconforto durante o processo de aprender, errar, revisar e construir conhecimento.

Com 26 anos de experiência na docência, o professor avalia que a inteligência artificial não criou esse comportamento, apenas tornou mais visível um problema que já existia na educação. Antes da popularização da IA, muitos estudantes já recorriam ao famoso “Ctrl+C, Ctrl+V” para cumprir tarefas sem passar pelo processo de aprendizagem. “O principal problema não é a IA. Ela mostra de maneira mais clara o nosso problema educacional e cultural”, afirma.

Os dados do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), pesquisa coordenada pelas organizações Ação Educativa e Conhecimento Social - Estratégia e Gestão, revelam que chegar à graduação não significa desenvolver ou já ter desenvolvido habilidades avançadas de leitura e interpretação. A pesquisa de 2024, mostra que 11,15% dos participantes que cursam ou cursaram o ensino superior são classificados como analfabetos funcionais. Além disso, apenas 23,5% alcançaram o nível proficiente de alfabetismo, o mais alto da escala utilizada pelo estudo.



Imagem: Captura de tela de gráfico publicado na reportagem Futuro do Presente

Diante desse contexto, Letti avalia que a inteligência artificial pode acabar funcionando como mais um atalho para quem busca apenas concluir uma atividade, sem resolver as dificuldades de formação acumuladas ao longo da educação básica. Para ele, o desafio é garantir que a tecnologia seja utilizada como apoio ao aprendizado, e não como substituição.

Por isso, em sala de aula, o professor cria estratégias para que a inteligência artificial não substitua etapas importantes da formação. Em uma atividade que envolve a produção de um podcast, desenvolvida com alunos do primeiro semestre na disciplina de Estética e Cultura de Massa, por exemplo, ele permitiu o uso da tecnologia apenas em tarefas de apoio.

O docente explica que, quando estabelece uma atividade, deixa muito claro em quais pontos a IA pode ser usada e em quais não pode, mantendo uma postura bastante rígida em relação a esses limites. “O meu trabalho como professor é também alertar os alunos que essa facilidade é boa no curto prazo, mas é bastante nociva no longo prazo, porque estão deixando de aprender”, afirma. Essa prática de orientação guiada é o que ele define como um exercício de letramento em inteligência artificial.

O problema trazido por Letti mostra que essas plataformas entregam respostas prontas justamente quando a universidade tenta ensinar os estudantes a formular as perguntas. Com o resultado final disponível em um clique, antes mesmo de surgir a dúvida, o risco é pular a etapa da pesquisa, do erro e da interpretação, que é onde o pensamento crítico se desenvolve.

Pesquisadores, professores e estudantes ainda tentam entender qual é o lugar dessa tecnologia na educação. Fazem isso sem respostas definitivas e sem um manual de instruções. Afinal, aprender nunca foi apenas encontrar respostas.

PARTE 3

Ensinar o agora

Uma tecnologia que já faz parte do jornalismo ainda procura seu espaço nas universidades

Rodrigo Santana gostaria de ter mais tempo. Tempo para reler uma entrevista. Tempo para lapidar um texto. Tempo para transformar informação em reportagem. Estudante do oitavo semestre de Jornalismo do Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus (IELUSC), em Joinville, ele também estagia no Portal ND Mais da cidade. Mas, entre as cerca de seis matérias que precisa entregar em cinco horas de estágio, o tempo é sempre o primeiro a escapar.

A escrita, justamente aquilo que mais valoriza na profissão, acaba comprimida pela rotina. Formado em Letras, curso que concluiu em 2017, quando a inteligência artificial generativa ainda não era popular, Santana aprendeu a escrever sem ajuda de algoritmos e sempre ouviu elogios pela qualidade de seus textos. Ele tem apreço pelas palavras e acredita que o estilo de escrita faz parte de sua identidade profissional.

No entanto, a realidade da redação falou mais alto. Foi nesse espaço apertado que a inteligência artificial entrou na sua rotina. Não por opção, mas por obrigação. Santana conta que começou a usar mais IA depois de receber um feedback de um editor sobre a demora na entrega das pautas. A orientação foi utilizar a tecnologia para agilizar etapas como a formatação dos textos e algumas checagens.

Desde então, o estudante vive uma espécie de gangorra emocional. Em alguns momentos, sente que está apenas se adaptando às exigências do mercado, mas, em outros, se vê menos jornalista por não conseguir se dedicar ao texto da forma como gostaria. “Eu sempre recorro à IA com essa sensação de frustração, porque eu queria ter tempo pra produzir com mais calma. Às vezes eu me perdoo, às vezes, não”, desabafa.

Quando conhece histórias como a de Santana, Fábio Bispo, presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, não vê na tecnologia o principal problema. Para ele, a discussão passa pelas condições de trabalho encontradas hoje no jornalismo. Segundo Bispo, a inteligência artificial tem sido utilizada para sustentar uma lógica de produção cada vez mais acelerada, em um contexto em que as redações operam com equipes reduzidas e metas elevadas.

O sindicalista argumenta que a precarização já acontece quando o trabalho que antes seria realizado por dois ou três jornalistas passa a ser concentrado em apenas um, auxiliado por sistemas de IA. Em vez de aliviar a rotina, a tecnologia é usada para justificar o aumento das demandas e a redução das equipes. “O jornalismo está caindo nessa onda de produzir conteúdo sem conteúdo. Tu entrega cem conteúdos por dia e, se for ver aquilo, não tem uma notícia que importa para nossa vida ou para o nosso bairro.” A preocupação dele é que a inteligência artificial seja utilizada para acelerar as entregas, sem que haja tempo para a reflexão, a apuração ou o aprofundamento das reportagens.

Os receios em torno da praticidade e da velocidade proporcionadas por esses sistemas também chegam às universidades. Regina Zandomênicó acompanha há mais de 20 anos a formação de futuros jornalistas. Professora e coordenadora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Estácio de Sá, em São José, ela costuma repetir aos alunos que a inteligência artificial pode até ajudar a concluir uma tarefa, mas não substitui o processo de aprendizagem e teme que a praticidade oferecida pela IA estimule uma espécie de “preguiça intelectual”.

O curso não possui uma disciplina específica sobre IA, mas discute, de forma geral, a inteligência artificial em diferentes disciplinas, como rádio, telejornalismo e computação gráfica. A ideia é debater as possibilidades de uso da tecnologia, seus riscos e limites.

Para Zandomênicó, o problema não está na tecnologia em si, mas na dependência que ela pode criar. “Eu tenho muito medo desse profissional que vai entregar tudo bonitinho, tudo no prazo. Mas ele não sabe nada”, diz. “Esse, sim, corre o risco de ser substituído por uma IA.” A professora defende que quando o aluno depende totalmente da inteligência artificial para escrever, organizar ideias ou executar tarefas simples, ele se torna apenas um “apertador de botão”. Por outro lado, um texto bom de verdade, que tem profundidade, repertório e criatividade, continua tendo valor.

A busca por transparência

Entre usar a inteligência artificial e explicar como ela foi utilizada existe um espaço ainda cheio de dúvidas. Amabile Back, estudante do oitavo semestre de Jornalismo da Estácio de Sá, em São José, utilizou IA para sugerir temas e referências bibliográficas para o seu TCC. Já Rodrigo Santana, estudante do oitavo semestre IELUSC, de Joinville, recorre ao Notebook LM para organizar a fundamentação teórica e analisar os dados coletados para a pesquisa do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Apesar de recorrerem aos sistemas durante a produção, nenhum deles recebeu orientação sobre a necessidade de declarar o uso da inteligência artificial nos relatórios finais ou no próprio TCC. Em entrevista, quando questionados como pretendiam registrar o uso da tecnologia no trabalho, o silêncio evidenciou a dúvida. A hesitação dos estudantes mostra uma questão que ainda não tem respostas prontas. Em meio à rápida adoção da inteligência artificial, instituições de ensino superior no Brasil seguem elaborando normas para orientar como essa tecnologia deve ser utilizada e declarada em trabalhos acadêmicos.

Essa busca por maior transparência já começou a aparecer em normas nacionais. Em 2026, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) publicou a Portaria nº 2.664, que estabelece diretrizes para o uso de inteligência artificial generativa em pesquisas científicas e determina que a utilização seja informada e detalhada pelos pesquisadores.

CAPÍTULO III

DIRETRIZES DE INTEGRIDADE

Art. 9º São diretrizes de integridade na pesquisa apoiada pelo CNPq:

I - na atividade de pesquisa científica:

- a) conduzir as pesquisas de acordo com padrões éticos aplicáveis, inclusive em estudos com seres humanos e animais;
- b) orientar as instituições e organizações de pesquisa a promover ambiente de cultura de integridade e a preservar a relação orientador e orientando nos padrões mais altos de ética e integridade científica;
- c) declarar o uso de ferramentas de Inteligência Artificial Generativa - IAG, de qualquer espécie e em qualquer fase do desenvolvimento da pesquisa (concepção, redação, análise de dados, submissão) especificando nos respectivos textos e exposições eletrônicas, a ferramenta utilizada e a finalidade;
- d) é vedada a submissão de conteúdo gerado por IAG como se fosse de autoria humana, sendo os autores integralmente responsáveis pelo conteúdo final, inclusive por eventuais plágios ou imprecisões geradas pela IAG;
- e) é vedada a inserção de projetos de pesquisa de terceiros em ferramentas de IAG para elaboração de pareceres científicos;
- f) responsabilizar-se integralmente pelo conteúdo final da pesquisa, inclusive por eventuais plágios ou imprecisões geradas pela IAG;
- g) gerir os dados de pesquisa com integridade e transparência considerando a conservação adequada de todos os dados, metadados, protocolos, código, *software* e outros materiais de investigação como produtos legítimos de pesquisa, passíveis de serem citados, durante um período claramente definido, sendo recomendado o depósito em repositórios de dados confiáveis, sempre que possível; e
- h) realizar a divulgação e a popularização dos resultados de pesquisa em conformidade com as diretrizes de integridade da atividade científica.

Imagem: Captura de tela do site da Política de Integridade na Atividade Científica do CNPq de 6 de março de 2026

Essa regra é voltada para pesquisas científicas e não se estende, obrigatoriamente, aos trabalhos de graduação. Mas, antes de qualquer norma oficial existir, teve estudante que decidiu abrir o jogo por conta própria. Foi o caso da jornalista Amanda Saori Teixeira, formada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2023. Durante o desenvolvimento do seu TCC, ela recorreu à inteligência artificial para auxiliar na programação e no desenvolvimento visual do site que elaborou, já que eram áreas que não

dominava. Em vez de esconder esse processo, ela optou por registrar tudo no relatório entregue à banca.

A ética no uso da inteligência artificial foi uma das primeiras preocupações de Teixeira. Por isso, buscou referências sobre o tema na área da comunicação. Depois, exportou todas as conversas que teve com o ChatGPT durante o desenvolvimento do projeto e anexou o material ao documento final. “O relatório foi um passo a passo de tudo o que foi feito. Foi muito importante mostrar que isso também fez parte do processo”, explica.

Esse cuidado com a transparência também começou a mexer com o mercado de trabalho. Alguns veículos de comunicação entenderam que precisavam jogar limpo com os leitores e, nos últimos anos, publicaram políticas editoriais para orientar o uso da tecnologia na produção jornalística.

Um levantamento da jornalista Leriany Barbosa, realizado durante seu mestrado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), mapeou alguns desses veículos e as datas em que essas diretrizes foram publicadas.

Apesar desse movimento inicial, Barbosa critica a falta de transparência e aponta que há um uso oculto, pois, embora os veículos tenham políticas editoriais, a aplicação no cotidiano ainda não é clara e o leitor raramente sabe onde e como a IA foi usada, seja em ilustrações ou adaptações de formato. “A quantidade de veículos que possuem essas políticas é pequena e a forma como eles explicitam o uso de IA no cotidiano das redações também é bastante frágil e escassa.”



Infográfico gerado com auxílio do ChatGPT (OpenAI), a partir de dados levantados por Leriany Barbosa (PPGJor-UEPG)

O jornalista que vai atrás do futuro

No Grupo Globo, a tentativa tem sido justamente criar parâmetros para tornar esse uso mais claro. Ben-Hur Correia, jornalista e coordenador de inteligência artificial do Jornal Nacional, participou da elaboração dos princípios editoriais sobre IA da empresa. Segundo ele, a preocupação não era criar regras que afastassem os jornalistas da tecnologia, mas oferecer orientações sobre como utilizá-la de forma responsável. “A gente queria que os princípios guiassem as pessoas para a melhor forma de usar, que fosse um norte e não algo que as pessoas tivessem medo.”

O grupo conta com cerca de 120 agentes de inteligência artificial, atualmente. São sistemas criados para desempenhar funções específicas, como assistentes digitais capazes de executar tarefas com algum grau de autonomia. A tecnologia é utilizada desde a construção de pautas e análise de documentos até a produção de grafismos e vozes sintéticas para proteção de fontes. A empresa promove treinamentos em diferentes redações do grupo, com o objetivo de orientar os jornalistas sobre as possibilidades de uso.

O interesse de Correia pela tecnologia começou bem antes de assumir o cargo atual. Formado há quase vinte anos, ele já se interessava pela área desde a graduação. Em 2009, chegou a cursar disciplinas de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, focadas na circulação da informação no jornalismo digital, mas interrompeu as aulas ao passar na seleção da Globo. Depois, trabalhou como correspondente em Paris e nos Estados Unidos.

Foi durante a estadia em solo americano, por volta de 2017, que decidiu voltar a estudar. Durante a especialização focada em inovação disruptiva, na Universidade de Harvard, recebeu o conselho de analisar a inteligência artificial. Nessa época, o setor ainda estava engatinhando, mas já recebia grandes investimentos e iria estourar em breve. Alguns anos depois, em 2021, Correia ingressou no doutorado do Centro de Estratégia e Inovação do Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPEAD UFRJ), onde desenvolve estudos sobre IA.

Como parte das atividades da sua pesquisa, ele leciona a disciplina Jornalismo e Tecnologia no sexto período do curso de graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). O jornalista incluiu conteúdos como Python para os alunos entenderem o que é esta linguagem de programação, muito utilizada no desenvolvimento de aplicações de inteligência artificial, como geração de código e análise de documentos.

Correia prevê que, em breve, a inteligência artificial vai deixar de ser uma novidade para se tornar algo natural na profissão. “As pessoas vão achar esquisito lembrar que a gente precisava ter uma aula para aprender a usar IA, assim como hoje achamos estranho quem teve aula de informática para aprender a mexer no computador. Mas até que esse momento chegue, é fundamental massificar isso na graduação”, defende.

A fase de adaptação

Foi esse processo que Henrique Duarte, estudante do sétimo semestre de Jornalismo do IELUSC, em Joinville, viveu ao longo da graduação. O tema da inteligência artificial passou a ser debatido de forma aberta dentro da faculdade, mais recorrentemente, a partir de 2024. O assunto surgia em diferentes disciplinas e, muitas vezes, tomava parte das aulas. Professores e estudantes discutiam como a tecnologia funcionava e tentavam entender quais impactos ela poderia ter sobre o jornalismo.

Há seis anos na coordenação do curso, Marília de Moraes defende que esse debate precisa ser equilibrado, sem um otimismo exagerado ou pessimismo. Para ela, toda nova tecnologia causa um estranhamento inicial, passa por uma fase de deslumbramento e, depois, traz o medo. A professora avalia que o IELUSC já está superando essas etapas iniciais. O momento atual, segundo ela, é de adaptação, tentando entender como extrair o que a IA tem de bom para usar a favor do jornalismo.

Com essa visão, a proposta foi incorporar a discussão sobre inteligência artificial dentro das aulas de forma natural, especialmente nas disciplinas mais práticas. Em sua própria disciplina, Assessoria de Comunicação, Moraes desafia os alunos a produzirem atividades, como a escrita de um release, com e sem o auxílio da IA, para que depois possam comparar os resultados e analisar onde a tecnologia ajudou ou prejudicou o conteúdo.

Além das disciplinas, o IELUSC também abriu espaço para o debate em setembro de 2025, durante a Semana Integrada de Comunicação (SIC). Por dois dias, estudantes de Jornalismo e Publicidade e Propaganda participaram de palestras e workshops com profissionais que já usam a inteligência artificial no mercado.

Cada instituição tem encontrado seus próprios caminhos para discutir o tema. Ao olhar para o panorama geral dos cursos de Jornalismo de Santa Catarina, percebe-se que o debate sobre inteligência artificial já começou. Sem uma disciplina específica e com iniciativas

ainda pontuais, professores, pesquisadores e estudantes buscam compreender como lidar com uma tecnologia que muda o jornalismo em um ritmo cada vez mais acelerado.



Infográfico elaborado pela autora, com geração de imagem pelo ChatGPT (OpenAI), a partir dos dados da pesquisa

A discussão sobre o tema também aparece entre os egressos do curso do IELUSC. Resultados preliminares de uma pesquisa realizada pela estudante bolsista Luiza Rodrigues, do oitavo semestre, sob orientação do professor Hendryo André, indicam que muitos ex-alunos de Jornalismo da instituição buscaram, após a graduação, capacitações em áreas como inteligência artificial, otimização para mecanismos de busca (SEO, na sigla em inglês para Search Engine Optimization) e produção de conteúdo digital.

Dos 157 egressos que responderam ao levantamento, 34 citaram espontaneamente a IA, sugerindo, inclusive, que o tema passe a integrar a grade curricular do curso.

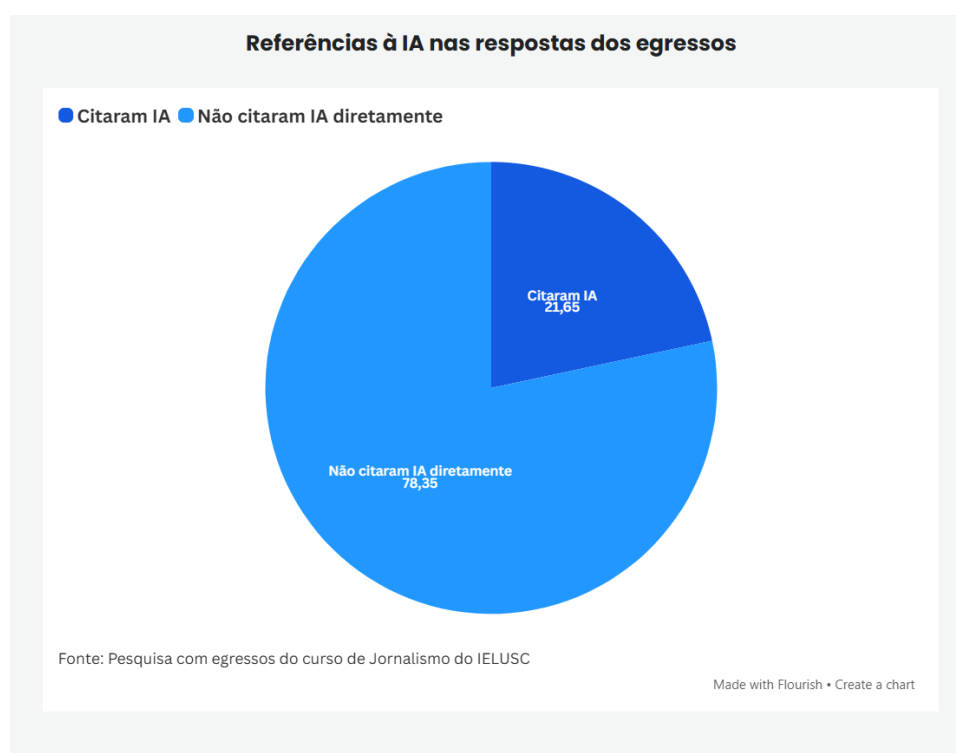


Imagem: Captura de tela de gráfico publicado na reportagem Futuro do Presente

Nos depoimentos dos ex-alunos, a tecnologia aparece como um caminho sem volta, mas que desperta sentimentos contraditórios. Se, por um lado, os profissionais destacam a agilidade e a otimização da rotina, por outro, demonstram preocupação com a precarização do trabalho, a redução de vagas nas redações e o risco de enfraquecimento do pensamento crítico. Também aparecem debates sobre ética, fake news e checagem de informações em um cenário cada vez mais automatizado.

Essa automação no dia a dia dos veículos de comunicação é uma realidade que Henrique Duarte, estudante do IELUSC, encontrou ao começar a trabalhar. Quando chegou ao grupo ND para atuar como produtor da rádio ND FM de Joinville, ele percebeu que a IA já fazia parte da rotina profissional. Para ele, ter essas discussões dentro da universidade foi

importante para reduzir o choque entre a sala de aula e as exigências das empresas. “Quanto mais debate tiver, melhor fica essa questão, porque a gente vai se acostumando com o assunto.”

No Portal ND Mais, em Florianópolis, a IA também já faz parte do dia a dia da redação. O uso passou a ser formalizado e sistematizado pelo grupo no final de 2024, quando os jornalistas participaram do primeiro treinamento sobre inteligência artificial promovido pela empresa. O segundo foi realizado em 2025, já voltado para as mudanças e atualizações. Os cursos foram conduzidos por consultores externos, incluindo especialistas do Google.

Hoje, quando não há uma foto real para ilustrar uma notícia, os jornalistas do portal são orientados a utilizarem ferramentas para gerar ilustrações - como em uma matéria sobre novas regras da CNH. Uma das plataformas que a redação recorre é o Whisky, do Google. Richard Vieira, editor-chefe do núcleo Santa Catarina do portal digital, afirma que toda imagem criada ou modificada por esses sistemas precisa ser sinalizada para os leitores, para que o uso não seja confundido com o registro real do fato.

A ideia é que a tecnologia ajude os jornalistas a ganharem tempo em tarefas que antes eram lentas e manuais. Esse uso no portal vai desde revisão de textos, dentro do próprio publicador, até a análise de documentos densos. Com o auxílio de ferramentas como o Pinpoint ou o NotebookLM, por exemplo, os repórteres conseguem localizar um dado específico em processos judiciais de centenas de páginas em poucos segundos, poupando uma leitura extensa que, antes, começaria do zero.



Imagem por Pietra Simioni Matos (Portal ND Mais, Florianópolis)/Março de 2026



Imagem por Pietra Simioni Matos (Portal ND Mais, Florianópolis)/Março de 2026

A inteligência continua humana

A inteligência artificial também chegou à rotina da Dialeto. Na agência especializada em comunicação para empresas de tecnologia e inovação que abre esta reportagem, a IA passou a ser utilizada de forma experimental em 2023, por iniciativa de alguns integrantes do time.

Com o tempo, a equipe percebeu que o uso estava muito disperso e decidiu organizar o processo, criando um grupo de trabalho para estudar a tecnologia e estabelecer diretrizes. O resultado foi um documento interno que passou a orientar como a IA deveria ser usada no dia a dia da empresa. Entre as recomendações, estão o uso obrigatório de contas corporativas pagas para garantir a segurança dos dados dos clientes, uma biblioteca de prompts padronizados e a proibição de aceitar a primeira resposta da IA sem revisão.

A discussão também começou a aparecer nos processos seletivos da agência. Percebendo que muitas pessoas usavam IA nos testes admissionais, a empresa decidiu encarar a tecnologia como parte da realidade do mercado. Rodrigo Lóssio, jornalista formado pela UFSC e um dos fundadores da agência, não viu sentido em fingir que os candidatos não estavam usando esses recursos. “Chegamos a ter uma discussão interna e decidimos que não deveríamos proibir. Em vez disso, incluímos uma observação no teste pedindo que, se o candidato usar IA, compartilhe como ela foi utilizada.”

Quando participou de uma seleção para a vaga de Analista de Relações Públicas na Dialetto, em fevereiro de 2025, a jornalista Gabriela da Silva, com quinze anos de profissão, se deparou com uma situação até então inédita para ela. O uso de inteligência artificial era permitido de forma explícita no teste. Em um primeiro momento, chegou a pensar que poderia se tratar de uma espécie de “pegadinha” para identificar candidatos que a utilizavam. Depois, concluiu que a proposta fazia sentido para uma empresa voltada ao setor de inovação e tecnologia.

Diante disso, Silva optou pela transparência total. Nas questões em que recorreu à inteligência artificial, explicou exatamente como tinha sido feito o processo, anexando os comandos enviados à máquina. Para ela, essa experiência reforçou que o pedido da empresa de deixar claro o uso é fundamental para confiança e honestidade com o público, os clientes e os próprios colegas de profissão. A estratégia funcionou. Silva foi contratada.

Orientações importantes

- Esse documento não é editável, você deverá fazer uma cópia no seu drive pessoal para realizar as atividades.
- Após a conclusão das atividades, envie uma mensagem via plataforma da [Plooral](#) compartilhando o link do arquivo com o resultado das atividades - não esqueça de configurar para que ele esteja aberto para visualização.
- As informações presentes no briefing desse desafio são fictícias;
- O material produzido pela pessoa candidata será usado apenas para avaliação e não será divulgado.
- **A utilização de ferramentas de IA não é fator de desclassificação.** Solicitamos somente que o processo seja descrito, indicando qual ferramenta, quais prompts e em quais atividades você utilizou. **Mas lembre que este é um desafio para entender o seu nível de conhecimento técnico.**

Imagem: Captura de tela de orientações de teste admissional da empresa/Disponibilizado pela Dialetto

Para a agência, a tendência é que profissionais aprendam a usar a inteligência artificial como apoio no processo de criação e produção. Em uma vaga recente para Analista de Relações Públicas Júnior, por exemplo, entre os requisitos estavam o conhecimento e a habilidade no uso de ferramentas de IA generativa.

O que você precisa para se destacar nesta seleção:

- Conhecimento de ferramentas de IA generativa aplicado ao trabalho de RP.
- Habilidade para uso de ferramentas de IA generativa aplicado ao trabalho de RP.
- Habilidade para trabalhar de forma colaborativa com diferentes perfis de profissionais.
- Capacidade de estruturar uma rotina de trabalho produtiva e seguir com disciplina o planejamento de suas atividades.
- Capacidade para direcionar seu tempo e energia nas atividades cruciais para o alcance de metas.
- Proatividade para desenvolver novas habilidades e se manter atualizado sobre as novidades e tendências de Relações Públicas.

Imagem: Captura de tela dos requisitos desejáveis para a vaga da Dialetto

A inclusão dessas competências na vaga não aconteceu por acaso. Para Rodrigo Lóssio, ignorar os impactos da tecnologia não é uma opção. Ele acredita que a inteligência artificial tende a ocupar cada vez mais espaço nas rotinas profissionais e pode, sim, substituir funções e pessoas, especialmente aquelas que não aprenderem a utilizar esses sistemas para ter maior produtividade.

Não é à toa que quando Danielly Alves, recém-formada em Jornalismo na UFSC, fez o teste para ser contratada na agência, ela utilizou a IA a seu favor. Mesmo sem ter aprendido a usar esse recurso de forma guiada na faculdade, ela aprendeu por conta própria, se adaptou e usou a tecnologia como aliada. “A universidade está mais preocupada com que a gente se desenvolva primeiro para depois poder utilizar a ferramenta. E o mercado de trabalho está preocupado que a gente gere produtividade”, compara.

Formada há menos de um semestre, Alves faz parte de um ambiente profissional em que o uso dessa tecnologia é incentivado, desde que aconteça de forma crítica, produtiva e transparente. É claro que as suas habilidades de jornalista continuam sendo fundamentais, mas a trajetória dela deixa à mostra que o mercado mudou, enquanto as universidades caminham em um ritmo mais lento.

Mudanças curriculares exigem debate, planejamento e reflexão. Antes de ensinar sobre inteligência artificial, é preciso compreendê-la. A tecnologia já faz parte do jornalismo. A questão, portanto, não é discutir se ela deve entrar na formação dos futuros profissionais, mas como fazer isso de forma crítica, ética e consciente.

O professor Elias Machado, do curso de Jornalismo da UFSC, defende que quem pesquisa precisa entender a realidade e ter paciência para que as mudanças aconteçam. “Temos que ir colocando um tijolinho depois do outro. Sempre na esperança que depois vai vir outro e vai colocar um outro tijolinho.”

Talvez seja assim que esse debate avance. Um passo de cada vez. Uma pesquisa de cada vez. Esta reportagem é o meu tijolinho nessa discussão.